



## FITZOÔNIMOS ASSOCIADOS A ESPÉCIES DE MYRTACEAE, SOLANACEAE E POACEAE NA BAHIA

---

Mydian Cristiane da Rocha Santos

Eraldo Medeiros Costa Neto

Paulo Sérgio Neves dos Santos

Gilberto Paulino de Araújo

Cássia Tatiana da Silva Andrade

**Resumo:** A interação dos seres humanos com os ecossistemas nos quais estão inseridos e com os elementos bióticos neles encontrados proporcionou a criação de estratégias que levaram à sua adaptação e evolução sociocultural. O desenvolvimento da linguagem, por exemplo, surgiu da necessidade de estabelecer uma comunicação eficiente entre indivíduos para lidar com os desafios impostos pelo ambiente. A etnobotânica é um campo de estudos que está inserido nas etnociências e possui como objetivo principal compreender a relação dos seres humanos com a flora, inclusive investigando os processos de identificação, nomeação e classificação das plantas. O presente trabalho, por meio da perspectiva da ecolinguística e da semântica, analisa a formação e estruturação dos nomes populares de espécies das famílias Solanaceae, Myrtaceae e Poaceae presentes no acervo do Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS). Os dados foram obtidos das exsicatas depositadas no HUEFS. Foram contabilizadas 540 exsicatas, das quais foram selecionadas aquelas cujos etnonomes faziam alusão a animais ou a partes anatômicas ou processos fisiológicos destes, resultando na análise de 29 exsicatas referentes à Myrtaceae, 31 para Poaceae e 7 para Solanaceae. Em relação ao levantamento e à sistematização dos fitozoônimos analisados, podemos destacar os seguintes elementos formadores dos fitônimos: (i) referência direta aos animais; (ii) referência a partes corporais dos animais; (iii) “produtos” metabólicos dos animais; (iv) outros elementos nominativos; e (v) verbos de ação. Para as três famílias, os grupos zoológicos mais citados foram os mamíferos e as aves, com destaque aos lexemas boi e ema. Constatou-se a ocorrência de polissemia, como, por exemplo, as plantas denominadas erva-de-rato, e casos de sinonímia, como ocorre com a espécie *Dactyloctenium aegyptium* (L.) Willd., conhecida como capim-mão-de-sapo e pé-de-periquito. Parte considerável dos fitozoônimos analisados tem como

## ECO-REBEL

motivação de nomeação as semelhanças morfológicas entre as espécies vegetais e os animais a que fazem referência, ou entre espécies de plantas distintas. As espécies que possuem relevância agropecuária são as mais conhecidas e recebem mais designações populares, o que varia de acordo com a região em que foram coletadas. Os resultados demonstram que os nomes populares constituem referências-chave de um sistema formado por símbolos que representam a visão que os indivíduos têm a respeito das plantas. Não obstante, a investigação acerca da formação de nomes comuns de plantas é um campo pouco explorado no Brasil.

**Palavras-chave:** etnobotânica; fitonímia; conhecimento tradicional; nomes populares.

**Abstract:** Human beings interact with the ecosystems in which they are inserted and with the biotic elements found in them. This interaction has provided the creation of strategies that led both to adaptation and sociocultural evolution. The development of language, for example, arose from the need to establish efficient communication between individuals to deal with the challenges imposed by the environment. Ethnobotany is a field of study that is part of ethnosciences and its main objective is to understand the relationship between human beings and flora, including investigating the processes of identification, naming and classification of plants. The present work, through the perspective of ecolinguistics and semantics, analyzes the formation and structure of popular names of species of Solanaceae, Myrtaceae and Poaceae. The data were obtained from the records of the Herbarium of the State University of Feira de Santana. In all, 540 specimens were counted, from which those whose ethnonames alluded to animals, their anatomical parts or physiological processes were selected, resulting in the analysis of 29 specimens referring to Myrtaceae, 31 to Poaceae and seven to Solanaceae. About the survey and systematization of the analyzed phytozonyms, we can highlight the following elements that form plants' common names: (i) direct reference to the animals; (ii) reference to animals' body parts; (iii) metabolic "products" of animals; (iv) other nominative elements; and (v) action verbs. For the three families, the zoological groups that were most cited were mammals and birds, with emphasis on the lexemes ox and rhea. It was verified the occurrence of polysemy, such as, for example, the plants called rat grass, and cases of synonymy, as occurs with the species *Dactyloctenium aegyptium* (L.) Willd., known as frog-hand grass and parakeet foot. A considerable part of the zoophytonyms analyzed have as their naming motivation the morphological similarities between the plant species and the animals they refer to, or between different plant species. The species that have agricultural relevance are the best known and receive more popular designations, which vary according to the region in which they were collected. The results show that popular names are key references in a system formed by symbols that represent the view that individuals have about plants. However, the investigation of the formation of common names of plants is an unexplored field in Brazil.

**Keywords:** ethnobotany; phytonymy; traditional knowledge; popular names.

### 1 Introdução

O ser humano é um dos principais agentes da transformação da biodiversidade, pois depende da natureza para sua sobrevivência, tanto para satisfazer necessidades urgentes quanto para realizar atividades de caráter empírico e simbólico, tal como a magia, a medicina e os ritos (ALBUQUERQUE et al., 2022). Ao longo da história evolutiva, a sobrevivência e a perpetuação

## ECO-REBEL

da espécie humana se devem principalmente às relações estabelecidas com o meio natural, que tornaram possível a domesticação de animais, o cultivo de plantas e o desenvolvimento de ferramentas. Não obstante, a ecologia do homem pré-histórico, anteriormente à implementação da agricultura, é marcada pela total dependência da natureza (FILGUEIRAS; RODRIGUES, 2016). Esse vínculo se tornou crucial na constituição das civilizações, assim como das sociedades e seus costumes, e atualmente é material de estudo para diferentes áreas das ciências sociais e naturais.

Nesse contexto, a etnobiologia busca compreender a relação dos seres humanos com a natureza (LOPES et al., 2010), tratando-se de um campo interdisciplinar que dialoga com diversas áreas, como biologia, antropologia, etnologia e ecologia (PRADO; MURRIETA, 2015). Desse modo, as áreas que se ramificam desde a etnobiologia permitem um foco maior em diferentes aspectos que constituem as sociedades e suas conexões com o meio. Dentre essas áreas, tem-se a etnobotânica, termo designado formalmente pela primeira vez em 1895, sendo utilizada como um auxílio na elucidação da posição cultural de povos indígenas e comunidades tradicionais que usam as plantas para alimentação, abrigo e vestuário (ALBUQUERQUE, 2005). Essa elucidação é importante para compreender a distribuição das espécies de plantas culturalmente significativas pelo mundo (ALBUQUERQUE et al., 2022).

A etnobotânica já foi entendida como o uso das plantas por populações indígenas, mas atualmente o termo abrange tanto as populações tradicionais quanto as sociedades urbanas e rurais não tradicionais no que concerne ao relacionamento entre pessoas e seus ambientes botânicos (ALBUQUERQUE et al., 2022).

Entre os diversos campos da etnobotânica, a fitonímia estuda a estruturação de nomes dados às plantas pelas populações locais (TORRES, 2023). A leitura da nomenclatura popular tem potencial para explicar características morfológicas da planta, assim como a percepção sensorial que ela provoca, sua origem ou seu valor para uma dada comunidade (VALLÈS et al., 2014).

Os nomes vernaculares variam de acordo com o lugar, o idioma e de um povo para outro. Isso resulta em uma multiplicidade de nomes para uma mesma espécie de planta. Por conseguinte, um sistema internacional de nomenclatura científica foi criado para tornar mais precisa a sua denominação (JAIN, 2010). Ou seja, “os nomes comuns, vulgares, populares ou vernaculares não são, assim, passíveis de regras acadêmicas, oscilando ao sabor da vontade cultural da população” (DA-SILVA, 2023). Entretanto, é crucial ressaltar a relevância que o conhecimento popular a respeito dos nomes possui, tanto para as comunidades quanto para as pesquisas científicas. A

## ECO-REBEL

compreensão da formação linguística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática (SANTOS et al., 2023).

Nesse contexto, a ecolinguística, que consiste no estudo das relações entre língua e meio ambiente (COUTO, 2007), possui as seguintes subáreas: ecologia linguística, que corresponde ao estudo das relações entre língua e questões ecológicas; ecologia da língua, que abrange as investigações das relações entre a língua e meio ambiente, sendo ele mental, social e físico; e a ecologia das línguas, que possui foco no estudo das inter-relações entre as línguas (COUTO, 2007; 2009). Por conseguinte, os estudos semânticos lexicais buscam compreender como os membros de determinada comunidade classificam linguisticamente o meio ambiente, sendo o léxico, na ecolinguística, tido como um inventário de rótulos criados pelos membros da comunidade para categorizar os aspectos do meio ambiente que consideram relevantes no seu processo de adaptação (COUTO et al., 2013).

Vallès (1996) retrata a vulnerabilidade de nomes populares no que tange à perda de conhecimentos, considerando que os jovens das novas gerações, ainda que moradores das zonas rurais, possuem um saber mais restrito, conhecendo menos quando comparados a seus pais e avós. Desse modo, os estudos a respeito da fitonímia popular são aliados no processo de conservação do conhecimento, assim como colaboram para a compreensão do histórico das relações das comunidades locais com a flora.

Na flora brasileira, Solanaceae é uma das famílias botânicas mais importantes para os seres humanos, contendo um número expressivo de cultivos economicamente significativos (CARPUTO et al., 2021). Segundo o trabalho de Dupin (2017), essa família inclui cerca de 98 gêneros e se estima que ocorram aproximadamente 2.800 espécies. Algumas dessas espécies são usadas para alimentação (batata, tomate e berinjela), como drogas (tabaco) e com fins ornamentais (petúnia, língua-pintada e flor-de-borboleta) (PALCHETTI et al., 2020). As espécies de Solanaceae são bem diversas, variando de árvores a pequenas ervas anuais, apresentando ampla diversidade morfológica de flores e frutos. São encontradas desde habitats desérticos a florestas tropicais mais úmidas (KNAPP et al., 2004).

Outra família importante é Myrtaceae. Para a economia, a família apresenta grande relevância mundialmente, destacando-se pela produção de frutos, como o da goiabeira (*Psidium guajava* L.), especiarias, como o cravo-da-índia (*Syzygium aromaticum* [(L.) Merr. & L.M.Perry]), bem como para a produção de madeira e celulose, como o eucalipto (AL-EDANY; AL-SAADY, 2012). De

## ECO-REBEL

acordo com Wilson (2011), Myrtaceae possui cerca de 140 gêneros e mais de 6.000 espécies e estão distribuídas com maior diversidade na Austrália, no sudeste da Ásia, América do Sul e África (WILSON, 2011). No Brasil, a família ocorre em todo o país e em todas as formações vegetacionais, com destaque para a Mata Atlântica (PROENÇA et al., 2023).

A copiosidade da flora brasileira também abrange a família Poaceae, constituída por um grupo de plantas altamente diversificado, tanto sob o ponto de vista morfológico quanto anatômico, fisiológico, ecológico e genético (FILGUEIRAS; RODRIGUES, 2016). Nessa família estão incluídas as gramas, bambus, tabocas, taquaris, entre outros, sendo reconhecidas cerca de 12 subfamílias, 768 gêneros e mais de 11.000 espécies (SORENG et al., 2017). Contemplam desde habitats desérticos a florestas, sendo amplamente distribuídas (SHANTZ, 1954) e sua relevância econômica está voltada principalmente para a produção de cereais, especiarias, açúcar, álcool e bambu (SOUZA; LORENZI, 2012).

Considerando a importância das famílias botânicas acima citadas e que a etnobotânica também busca entender a relação entre pessoas de culturas viventes e as plantas que as cercam, desde o aspecto medicinal e alimentício ao religioso e linguístico (ALBUQUERQUE, 2005; ALBUQUERQUE et al., 2022), o presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio da perspectiva ecolinguística (COUTO, 2007; 2009) e da semântica, a formação e estruturação de nomes comuns (fitônimos) representativos das famílias Myrtaceae, Poaceae e Solanaceae que ocorrem no estado da Bahia.

## 2 Material e métodos

Os dados para o desenvolvimento do presente estudo foram obtidos junto ao Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS – acrônimos de acordo com Thiers [continuamente atualizado]). O HUEFS é referência nacional, sendo considerado um dos maiores da região Nordeste possuindo uma coleção de aproximadamente 254.857 exemplares (QUEIROZ et al., 2023). Foram analisadas as exsiccatas originárias da Bahia das famílias Myrtaceae, Poaceae e Solanaceae, já que estas possuem alto valor socioeconômico, sobretudo para as comunidades tradicionais (SOUZA; LORENZI, 2012).

Foram coletadas as informações sobre o nome científico, gênero, autor que descreveu, nome vernacular e o voucher no HUEFS de exsiccatas das espécies que ocorrem na Bahia. Posteriormente, distinguimos os fitônimos que fazem relação a nomes de animais ou partes do

## ECO-REBEL

corpo destes, para realizar suas respectivas análises ecolinguística e semântica.

### 3 Resultados e Discussão

Após observar o acervo do HUEFS, do total 540 exsicatas relacionadas com as famílias Myrtaceae (n = 259), Poaceae (n = 143) e Solanaceae (n = 138), foram selecionadas apenas aquelas que traziam menção a algum fitozoônimo. Assim, foram investigadas 29 exsicatas de Myrtaceae, 31 de Poaceae e 7 de Solanaceae (Quadro 1).

As espécies animais associadas aos nomes populares de plantas pertencentes à família Myrtaceae compõem quatro grupos taxonômicos, distribuídos em mamíferos (n=8), aves (n=3), répteis (n=1) e insetos (n=1). Do total de 12 zoônimos para mamíferos, o lexema boi aparece três vezes, seguido de ovelha (n=2). Com relação às aves, o zoônimo ema é o que mais está presente, aparecendo três vezes. Na família Poaceae, os fitônimos estão distribuídos em três grupos taxonômicos, sendo eles: mamíferos (n=8), aves (n=5) e anfíbios (n=1). Para os mamíferos, as espécies mais representativas foram burro e raposa, ocorrendo duas vezes cada. Enquanto que na família Solanaceae, os fitozoônimos estão distribuídos em dois grupos taxonômicos, mamíferos (n=4) e aves (n=1), sendo que o lexema boi esteve presente duas vezes. A Tabela 1 traz a relação das espécies animais cujos zoônimos ou referentes zoológicos constituem os fitônimos de espécies de Myrtaceae, Poaceae e Solanaceae registradas no HUEFS.

Quadro 1. Fitozoônimo associados às espécies das famílias Myrtaceae, Poaceae e Solanaceae registradas no HUEFS.

Myrtaceae		
Nome vernacular	Táxon	Voucher
Açoá-de-pombinho	<i>Eugenia</i> sp.	78952
Açoita-cavalo	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	174963
Araçá-boi	<i>Psidium rufum</i> Mart. ex DC.	34378
	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	147742
Araçá-de-boi	<i>Psidium myrtoides</i> O.Berg	36455
	<i>Psidium rufum</i> Mart. ex DC.	36451, 36481
	<i>Eugenia</i> sp.	25417
Araçá-de-ovelha	<i>Psidium oligospermum</i> Mart. ex DC.	83043
Araçá-de-tatu	<i>Psidium oligospermum</i> Mart. ex DC.	159582
Araçá-língua-de-vaca	<i>Myrcia eumecephylla</i> (O.Berg) Nied.	176926
Bucha-d'ema	<i>Eugenia</i> sp.	78931
Bucha-d'ema-morro	<i>Eugenia duarteana</i> Cambess.	79002

## ECO-REBEL

Bucho-de-ovelha	<i>Eugenia pohliana</i> DC.	33661
Bucho-d'ema-do-morro	<i>Eugenia</i> sp.	78953
Catinga-de-jacaré	<i>Myrcia polyantha</i> DC.	3134, 91570
Erva-de-rata	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	21496
Erva-de-rato	<i>Eugenia marítima</i> DC.	115520
	<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth) DC.	115505, 115497
	<i>Myrciaria floribunda</i> (H.West ex Willd.) O.Berg	115495
Fruta-de-pomba	<i>Eugenia cerasiflora</i> Miq.	188827
Fura-bucho	<i>Eugenia</i> sp.	167498
Jitaí-branco	<i>Eugenia</i> sp.	258086
Língua-de-galinha	<i>Myrcia rhabdoides</i> Kiaersk.	21234
Mangabinha-de-veado	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O.Berg) Mattos	25942
Olho-de-boi	<i>Eugenia candolleana</i> DC.	134474
Rabo-de-burro	<i>Eugenia splendens</i> O.Berg	60188
<b>Poaceae</b>		
Arroz-de-pato	<i>Oryza latifolia</i> Desv.	2228
Barba-de-bode	<i>Eragrostis hypnoides</i> (Lam.) Britton, Sterns & Poggenb.	758
Capim-búfalo	<i>Cenchrus ciliaries</i> L.	4790, 4452
Capim-zabelê	<i>Raddia portoi</i> Kuhlm.	251686, 251688, 251689, 251690, 140249, 51312
Capim-de-galinha	<i>Aristida</i> sp.	203227
Capim-de-burro	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	1064
	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	17317
Capim-elefante	<i>Tripsacum andersonii</i> J.R.Gray	13671
Capim-de-rola	<i>Eragrostis ciliaries</i> (L.) R.BR.	1068
Capim-de-zabelê	<i>Ichnanthus leiocarpus</i> (Spreng.) Kunth.	41103
Capim-mão-de-sapo	<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	2407
Capim-pé-de-galinha	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	757
Capim-rabo-de-gato	<i>Ctenium bahiense</i> Longhi-Wagner	20881
Capim-rabo-de-jegue	<i>Aristida setifolia</i> Kunth	126387
Capim-rabo-de-raposa	<i>Ctenium</i> sp.	203228
Carrapicho-de-ovelha	<i>Tragus berteronianus</i> Schult.	20340
Orelha-de-burro	<i>Olyra latifolia</i> L.	45633
Pé-de-galinha	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	3235, 4685
	<i>Steinchisma laxum</i> (Sw.) Zuloaga	824
	<i>Leptochloa virgata</i> (L.) P.Beauv.	1069
Pé-de-periquito	<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	20312
Rabo-de-raposa	<i>Andropogon bicornis</i> L.	2187
	<i>Pappophorum mucronulatum</i> Nees	9015
	<i>Hymenachne amplexicaulis</i> (Rudge) Nees	1075
<b>Solanaceae</b>		
Cavalo-fede	<i>Solanum melissarum</i> Bohs	81201
Jurubeba-de-boi ou Jurubebão-de-boi	<i>Solanum crinitum</i> Lam.	45585

## ECO-REBEL

Mata-boi	<i>Solanum orbignianum</i> Sendtn.	52553
Pimenta-de-cachorro	<i>Capsicum baccatum</i> L.	137382
Pimenta-de-passarinho	<i>Solanum americanum</i> Mill.	31195
Pimenta-do-cão	<i>Solanum americanum</i> Mill.	4786
Tinta-de-morcego	<i>Cestrum martii</i> Sendtn.	6586

Em relação ao levantamento e à sistematização dos fitozoônimos analisados, podemos destacar os seguintes elementos formadores dos fitônimos: (i) referência direta aos animais; (ii) referência a partes corporais dos animais; (iii) “produtos” metabólicos dos animais; (iv) outros elementos nominativos; e (v) verbos de ação.

Na relação de nomes vernaculares há ocorrência de polissemia e sinonímia. Segundo Bonet (2010), a polissemia advém da designação de denominações semelhantes para espécies diferentes, podendo estas serem de gêneros distintos, da mesma família botânica ou famílias diferentes. A sua motivação pode estar atrelada a vários fatores, como, por exemplo, semelhanças morfológicas das plantas, o compartilhamento de habitat similar, as propriedades de usos que lhe são atribuídas, entre outros. Ainda em concordância com o autor, o conceito de sinonímia é definido como a designação de mais de um nome popular para uma mesma espécie botânica. A polissemia, em decorrência das suas várias possibilidades de origem, pode resultar em uma ambiguidade lexical, por conseguinte, o seu entendimento é crucial para a compreensão da ambiguidade e sua eventual elucidação (CORREIA, 2000).

Tabela 1. Relação das espécies animais cujos zoônimos ou referentes zoológicos constituem os fitônimos de plantas medicinais do estado da Bahia, Brasil.

<b>Grupo taxonômico</b>	<b>Zoônimo popular</b>	<b>Zoônimo científico (pista taxonômica)</b>
Mamíferos	Bode	<i>Capra aegragus hircus</i> (Linnaeus, 1758)
	Boi	<i>Bos taurus</i> (Linnaeus, 1758)
	Burro	<i>Equus africanus asinus</i> (Linnaeus, 1758) x <i>Equus ferus caballus</i> (Linnaeus, 1758)
	Cachorro/Cão	<i>Canis lupus familiaris</i> (Linnaeus, 1758)
	Cavalo	<i>Equus ferus caballus</i> (Linnaeus, 1758)
	Búfalo	Bovinae
	Elefante	<i>Loxodonta africana</i> (Blumenbach, 1797)
	Gato	<i>Felis catus</i> (Linnaeus, 1758)
	Jegue	<i>Equus africanus asinus</i> (Linnaeus, 1758)
	Leão	<i>Panthera leo</i> (Linnaeus, 1758)
	Morcego	Chiroptera
	Ovelha	<i>Ovis aries</i> (Linnaeus, 1758)

## ECO-REBEL

	Raposa	Canidae
	Rato/Rata	Muridae
	Tatu	Dasypodidae
	Vaca	<i>Bos taurus</i> (Linnaeus, 1758)
	Veado	Cervidae
Aves	Ema	<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)
	Galinha	<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)
	Passarinho	Aves (Linnaeus, 1758)
	Pato	Anatidae
	Periquito	Psittacidae
	Pomba	<i>Columba livia</i> (Gmelin, 1789)
	Pombinha	Columbidae
	Rola	Columbidae
	Zabelê	<i>Crypturellus noctivagus zabele</i> (Spix, 1820)
Répteis	Jacaré	Crocodylia, Alligatoridae
Anfíbios	Sapo	Anura, Bufonidae
Insetos	Jitaí	Apinae

Costa Neto (2008), ao analisar os nomes comuns associados a espécies de maracujás (*Passiflora* spp.) presentes no estado da Bahia, encontrou polissemia em pelo menos dois fitozoônimos, a saber: maracujá-de-cobra, o qual designa as espécies *P. amethystina* Mikan, *P. mucronata* Lam., *P. foetida* L., *P. mansoi* [Mart.] Mast. e *P. contracta* Vitta; e maracujá-de-boi, que nomeia as espécies *P. cincinnata* Mast., *P. luetzelburgii* Harms e *P. edulis* Sims.

Para a família Myrtaceae, o lexema araçá representa um exemplo de polissemia. Ele aparece cinco vezes, estando associado a mamíferos que têm a sua alimentação composta majoritariamente ou parcialmente por vegetais, como o tatu (araçá-de-tatu, *Psidium oligospermum* Mart. ex DC.), ovelha (araçá-de-ovelha, *P. oligospermum*), boi (araçá-boi, *P. rufum* Mart. ex. DC, *P. cattleyanum* Sabine; araçá- de-boi, *P. myrtoides* O.Berg, *P. rufum*) e vaca (araçá-língua-de-vaca, *Myrcia eumecephylla* [O.Berg] Nied.). As espécies de *Psidium* L. que produzem frutos comestíveis são comumente denominadas de araçá, nome esse que tem origem do tupi *ara'sa* ou do guarani *ara* (céu) *aza* (olhos), que significa fruta ou planta que tem olhos, ou olhos do céu (FRANZON, 2009). *Psidium oligospermum* aparece duas vezes com denominações diferentes, araçá-de-ovelha e araçá-de-tatu, sendo considerada um exemplo de sinonímia.

Outro exemplo polissêmico é o nome erva-de-rato designando três espécies distintas: *Eugenia maritima* DC., *Eugenia puniceifolia* (Kunth) DC. e *Myrciaria floribunda* (H. West ex Willd.) O.Berg. Esse nome também é utilizado para se referir à espécie *Palicourea marcgravii* A.St.-Hil. da família Rubiaceae, que tem grande importância para a agropecuária em decorrência do seu alto nível de toxicidade que resulta na morte de animais, sobretudo os bovinos, após consumi-la (MORAES,

## ECO-REBEL

1993). Neste caso, a origem da denominação “erva-de-rato” se deve à finalidade que inicialmente foi concebida a essa planta, sendo utilizada na eliminação de ratos (TOKARNIA, 2000<sup>apud</sup> PINTO, 2007). A relação da nomenclatura semelhante para os exemplares de famílias diferentes pode estar relacionada com a semelhança morfológica, já que as espécies da família Myrtaceae não possuem estudos que indiquem a presença de toxicidade que cause o óbito de animais.

Com relação aos zoônimos que possuem referências diretas a animais, constam quatro aves, um réptil, um inseto e mamíferos, sendo este último táxon o mais citado, aparecendo nove vezes. Como exemplos, é possível destacar a fruta-de-pomba (*Eugenia cerasiflora* Miq.), catinga-de-jacaré (*Myrcia polyantha* DC.), jitaí-branco (*Eugenia* sp.) e erva-de-rata (*Myrcia guianensis*[Aubl.] DC.). No que tange às partes anatômicas, alguns fitônimos têm na sua constituição os lexemas língua, rabo, bucho/bucha e olho. Bucho/bucha são os mais citados, repetindo-se cinco vezes, e estão relacionados majoritariamente com o zoônimo “ema”. A bucha-d’ema (*Eugenia* sp.), língua-de-galinha (*Myrcia rhabdoides* Kiaersk.) e rabo-de-burro (*Eugenia splendens* O.Berg) ilustram exemplos da anatomia animal na formação dos fitozoônimos.

Outros nomes vulgares têm na sua composição elementos que fazem alusão a produtos metabólicos, tal como a catinga-de-jacaré (*Myrcia polyantha* DC.), onde o substantivo “catanga” está relacionado ao adjetivo que denota mau cheiro ou odor. Além disso, também é verificável a presença de verbos de ação como açoitar, furar e acossar, a exemplo de açoá-de-pombinho (*Eugenia* sp.), fura-bucho (*Eugenia* sp.) e açoita-cavalo (*Myrcia guianensis* [Aubl.] DC.).

Da-Silva (2023) estruturou um inventário com 25 nomes populares de flores que fazem alusão direta ou indiretamente a animais e também 25 nomes comuns de animais que são alusivos às plantas. Dando destaque ao enfoque florístico, foram registradas espécies com os seguintes fitozoônimos: flor-leopardo (*Balamcanda chinensis* L.), orquídea-pato-voador (*Caleana major* R. Br.), orquídea-tigre (*Grammatophyllum speciosum* Blume) e orquídea-macaco (*Dracula* spp.), que também é conhecida como orquídea-cara-de-macaco, macaquinho e cara-de-macaco.

No presente estudo, o lexema capim é um modelo de polissemia, pois se repete 12 vezes, estando relacionado a nomes de mamíferos, aves e anfíbios, como, por exemplo, capim-elefante (*Tripsacum andersonii* J.R.Gray), capim-de-galinha (*Aristida* sp.) e capim-mão-de-sapo (*Dactyloctenium aegyptium* [L.] Willd.). A palavra capim é normalmente empregada para se referir às gramíneas e tem origem do tupi-guarani, que significa folha miúda ou mato fino (LIMA; SALOMÃO, 2013).

## ECO-REBEL

O nome vulgar pé-de-galinha também se enquadra como um exemplo de polissemia já que está atrelado a três espécies diferentes: *Eleusine indica* (L.) Gaertn., *Steinchisma laxum* (Sw.) Zuloaga e *Leptochloa virgata* (L.) P.Beauv. Essa denominação se deve às características morfológicas que essas plantas apresentam, como no caso da *Eleusine indica*, na qual a inflorescência surge na “forma de ramos especiformes digitados divergentes, em que um dos ramos se insere mais abaixo do vértice terminal” (SCHERER, 2017).

O designativo capim-de-burro também aparece relacionado a mais de uma espécie, *Cynodon dactylon* (L.) Pers. e *Eleusine indica* (L.) Gaertn, o que o caracteriza como um termo polissêmico. Assim como a designação rabo-de-raposa que surge mais de uma vez, sendo atribuída às espécies *Andropogon bicornis* L., *Pappophorum mucronulatum* Nees e *Hymenachne amplexicaulis* (Rudge) Nees. Além disso, o nome rabo-de-raposa também é atribuído a espécies de cactácea do gênero *Arrojadoa* (DIAS et al., 2008). A motivação de denominação, tanto para capim-de-burro quanto para rabo-de-raposa, provavelmente está associada às características morfológicas das inflorescências de cada espécie ou à sua finalidade.

A espécie *Dactyloctenium aegyptium* (L.) Willd. surge duas vezes com denominações distintas (capim-mão-de-sapo e pé-de-periquito), por conseguinte, pode ser considerada como um caso de sinonímia.

Muitos dos zoônimos registrados para a família Poaceae fazem referência direta aos animais, sendo contabilizados cinco aves, um anfíbio e nove mamíferos mencionados, tais como: capim-de-rola (*Eragrostis ciliaris* [L.] R.BR.), capim-de-zabelê (*Ichnanthus leiocarpus* [Spreng.] Kunth.) e capim-búfalo (*Cenchrus ciliaris* L.). Além disso, nas designações de algumas espécies há presença de termos alusivos a outras plantas, como cana, carrapicho, arroz e capim. Arroz-de-pato (*Oryza latifolia* Desv.) e carrapicho-de-ovelha (*Tragus berteronianus* Schult.) são alguns exemplos.

Dentre os fitônimos também é possível constatar referências a partes anatômicas e morfológicas, como barba, mão, pé, rabo e orelha. Exemplos: barba-de-bode (*Eragrostis hypnoides* [Lam.] Britton, Sterns & Poggenb.), capim-pé-de-galinha (*Eleusine indica* [L.] Gaertn.), capim-rabo-de-gato (*Ctenium* sp.) e orelha-de-burro (*Olyra latifolia* L.).

A família Solanaceae apresentou o menor número de zoônimos registrados, ainda assim, os dados obtidos se mostraram de grande relevância para análise. De início, foi possível constatar a ocorrência de sinonímia na espécie *Solanum americanum* Mill, que recebe as designações populares de pimenta-de-passarinho e pimenta-do-cão. O nome pimenta-de-passarinho é atribuído

## ECO-REBEL

a essa espécie em consequência da tonalidade que seus frutos ganham quando amadurecem, se tornando atrativos para passarinhos (ZANCANARO, 2008).

Em todos os fitônimos estão presentes referências diretas aos animais, como o termo passarinho, que é utilizado para designar aves passeriformes. Também há ocorrência de cinco espécies de mamíferos, a exemplo da jurubeba-de-boi ou jurubebão-de-boi (*Solanum crinitum* Lam.). Assim como em outros exemplos, a espécie citada é conhecida popularmente por mais de um vocativo, o que evidencia que algumas regiões possuem designações próprias para a flora e a fauna, sendo denominados de etnonomes (COSTA NETO, 2001 *apud* DANTAS, 2018). Os fitônimos jurubeba-de-boi e pimenta-de-passarinho também são exemplos de referência a nomes alusivos de outras plantas, neste contexto, a jurubeba e a pimenta.

No fitônimo cavalo-fede (*Solanum melissarum* Bohs) há menção de produtos do metabolismo e da fisiologia animal, relacionado ao adjetivo “fedor” que denota mau cheiro. Outros elementos normativos também são identificados, como o verbo de ação matar e o substantivo tinta, a exemplo de mata-boi (*Solanum orbignianum* Sendtn.).

Espécies do gênero *Cestrum* também são conhecidas popularmente como “mata-boi” em consequência das toxinas que possuem e que são responsáveis por causar enfermidades nos bovinos (FURLAN et al., 2008). Para o lexema tinta, presente em tinta-de-morcego (*Cestrum martii* Sendtn.), não foi encontrada bibliografia que justificasse a aplicação do seu nome à espécie, mas pode estar relacionada às características morfológicas.

Todas as nomenclaturas analisadas para ambas famílias reafirmaram a importância das análises etimológicas, semânticas e ecolinguísticas. As informações oriundas das investigações léxicas demonstraram a percepção que as comunidades possuem a respeito da flora e as principais motivações que condicionam o processo de categorização do meio natural.

## 4 Conclusão

A linguagem constitui um dos pilares da sociedade, permitindo o intercâmbio de informações entre os indivíduos que a compõem. Os estudos etnolinguísticos denotam grande importância no processo de compreensão da etimologia dos nomes, assim como suas derivações. No campo da botânica, o estudo da nomenclatura popular acresce aos conhecimentos da ecologia e da educação ambiental, sendo uma importante ferramenta para os trabalhos em conjunto com as comunidades

## ECO-REBEL

tradicionais.

A análise dos fitônimos demonstra a consistente relação entre a fauna e a flora sob o olhar popular. Muitos dos nomes designados fazem referência a animais, ou parte do corpo destes, os quais possuem semelhanças morfológicas com as plantas, ou ainda, quando as usam como alimento, podendo, algumas espécies, serem responsáveis por causar alguma enfermidade e até mesmo o óbito ao animal que as consomem. Desse modo, as espécies que apresentam toxinas mais potentes e desencadeiam a morte do gado, conseqüentemente, lhes são atribuídas mais etnonomes.

As informações que são obtidas por meio das análises tornam evidente a importância da nomenclatura popular para a ciência. Os nomes constituem as referências-chave de um sistema formado por símbolos que representam a visão que populações tradicionais têm a respeito do meio ambiente. Por conseguinte, esse meio de classificação também carece de deferência, já que a investigação da formação dos nomes comuns de plantas é um campo pouco explorado no Brasil.

### Referências

ALBUQUERQUE, U. P. *Etnobiologia e biodiversidade*. Recife: NEPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P. de *et al.* *Introdução à etnobotânica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2022.

AL-EDANY, T. Y.; AL-SAAD, S. A. Taxonomic significance of anatomical characters in some species of the family Myrtaceae. *American Journal of Plant Sciences*, v. 3, n. 5, p. 572-581. 2012.

BONET, M. Á. Fitonímia en llengua catalana: una aproximació a l'estudi dels noms de les plantes. *Llengua i Ús*, v. 47, p. 60-67, 2010.

CARPUTO, D.; AVERSANO, R.; ERCOLANO, M. R. *The wild solanums genomes*. New York: Springer International Publishing, 2021.

CORREIA, M. Homonímia e polissemia: contributos para a delimitação dos conceitos. *Revista Palavras*, n. 19, p. 57-75, 2000.

COSTA NETO, E. M. Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de *Passiflora* (Passifloraceae) no estado da Bahia, Brasil. *Neotropical Biology and Conservation*, v. 3, n. 2, p. 86-94, 2008.

## ECO-REBEL

COUTO, E. K. N.; ALBUQUERQUE, D. B.; ARAÚJO, G. P. *Da fonologia à ecolinguística: ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto*. Brasília: Thesaurus Editora, 2013.

COUTO, H. H. do. Ecolinguística. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 10, n.1, p. 125-149, 2009.

COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meioambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

DANTAS, D. C. *A fauna de peixes do rio Jaguaripe, Bahia, na visão de pescadores artesanais*. 2018. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biologia), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2018.

DA-SILVA, E. R. Flores com nome de bicho, bichos com nome de flor. In: COSTA NETO, E. M.; FUNCH, L. S. (org.). *Práticas investigativas em Etnobotânica: distintos olhares, afins encontros*. Feira de Santana: Zarte, 2023. p. 121-144.

DIAS, M. M. *et al.* Emergência e desenvolvimento da cactácea rabo-de-raposa (*Arrojadoa* spp.) em diferentes meios de cultura e recipientes. *Ceres*, v. 55, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.ceres.ufv.br/ojs/index.php/ceres/article/view/3302/1189>> Acesso em: 18/05/2023.

DUPIN, J. G. R. *Historical biogeography and the evolution of environmental niche and fruit type in Datureae (Solanaceae)*. 2017. 177 f. Tese (Doutorado em Filosofia), University of Colorado, Boulder, 2019.

FRANZON, R. C. *Espécies de aracás nativos merecem maior atenção da pesquisa*. Agrolink, 2009. Disponível em: <[http://www.agrolink.com.br/noticias/artigo--especies-de-aracas-nativos-merecem-maior-atencao-da-pesquisa\\_102389.html](http://www.agrolink.com.br/noticias/artigo--especies-de-aracas-nativos-merecem-maior-atencao-da-pesquisa_102389.html)>. Acesso em: 09 mar 2023.

FILGUEIRAS, T. S.; RODRIGUES, R. S. Espécies forrageiras – Poaceae. In: VIEIRA, R. F. *et al.* Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: Região Centro-Oeste. *Série Biodiversidade*, v. 44, p. 590-689, 2016.

FURLAN, F. H. *et al.* Intoxicação por *Cestrum intermedium* (Solanaceae) em bovinos no Estado de Santa Catarina. *Acta Scientiae Veterinariae*, v. 36, n. 3, p. 281-284, 2008.

JAIN, S. K. *Manual of ethnobotany*. Nova Deli: Scientific Publishers, 2010.

KNAPP, S. *et al.* Solanaceae - a model for linking genomics with biodiversity. *International Journal of Genomics*, v. 5, n. 3, p. 285-291, 2004.

LIMA, A. L. A.; SALOMÃO, J. M. Do português europeu ao português brasileiro: origens e formação histórica da língua portuguesa. *Revista Pandora Brasil*, v. 1, n. 52, p. 102-12, 2013.

LOPES, P. F. M. *et al.* Da biologia à etnobiologia - Taxonomia e etnotaxonomia, ecologia e etnoecologia. In: ALVES, RRN; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. (eds.). *A etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas*. Recife: NUPEEA, 2010. p. 69-94.

## ECO-REBEL

- MORAES, R. L. F. *Comprovação química e biológica da presença de monofluoroacetato nas folhas de Palicourea marcgravii St. Hil.* 1993. 95 f. Tese (Doutorado em Toxicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- PALCHETTI, M. V.; CANTERO, J. J.; BARBOZA, G. E. Solanaceae diversity in South America and its distribution in Argentina. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 92, e20190017, 2020.
- PINTO, L. F. *Efeitos dos extratos aquoso e hidro-alcoólico e das soluções ultradiluídas de Palicourea marcgravii (Rubiaceae) em ratos.* 2007. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências Veterinárias) - Instituto de Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2007.
- PRADO, H. M.; MURRIETA, R. S. S. A etnoecologia em perspectiva: origens, interfaces e correntes atuais de um campo em ascensão. *Ambiente & Sociedade*, v. 18, p. 139-160, 2015.
- PROENÇA, C. E. B. *et al.* *Myrtaceae in Flora e Funga do Brasil 2023.* Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB171>>. Acesso em: 31 mar 2023.
- QUEIROZ, L. *et al.* HUEFS herbarium - Universidade Estadual de Feira de Santana. *Herbário Virtual REFLORA*. v1.150. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2023. Disponível em <https://ipt.jbrj.gov.br/reflora/resource?r=huefs&v=1.150>.
- SANTOS, M. C. R.; COSTA NETO, E. M.; ARAÚJO, G. P. Isso é um animal ou uma planta? Fitonímia referente a animais: abordagem ecolinguística. In: BOZZO, G. C. B. (org.). *Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 5*. Curitiba: Atenas, 2023. p. 40-63.
- SHANTZ, H. L. The place of grasslands in the Earth's cover. *Ecology*. v. 35, n. 2, p.143-145, 1954.
- SCHERER, M. B. *Morfologia, fisiologia e controle químico do capim pé-de-galinha em diferentes regimes hídricos.* 2017. 75 f. Dissertação (Programa de pós-graduação em Agrobiologia), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- SORENG, R.J. *et al.* A worldwide phylogenetic classification of the Poaceae (Gramineae) II: An update and a comparison of two 2015 classifications. *Journal of Systematics Evolution*, v. 55, p. 259-290, 2017.
- SOUZA, V. C.; LORENZI, H. *Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas do Brasil, baseado em APG III.* 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2012.
- TORRES, N. *La fitonímia y su impacto social en la comunicación y solución de los problemas ambientales.* Disponível em: <<https://www.monografias.com/trabajos33/fitonimia/fitonimia>>. Acesso em: 05 abr 2023.

## ECO-REBEL

VALLÈS, J. *et al.* *Noms de plantes: corpus de fitonímia catalana*. Barcelona: Edicions Universitat, 2014.

VALLÈS, J. Los nombres populares de las plantas: método y objetivo en etnobotánica. *Monografías del Real Jardín Botánico de Córdoba*, n. 3, p. 7-14, 1996. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/187821.pdf>>. Acesso: 01 abr 2023.

WILSON, P. G. Myrtaceae. In: KUBITZKI, K. (ed.). *The families and genera of vascular plants, flowering plants: Eudicots Sapindales, Cucurbitales, Myrtaceae*, v. 10. New York: Springer, 2011. p. 212-271.

ZANCANARO, R. D. *Pimentas: tipos, utilização na culinária e funções no organismo*. 2008. 43 f. Monografia (Especialização em Gastronomia e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Aceito em 01 de dezembro de 2023.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 1, 2024.